

MARIA IZABEL KIERSKI

O RITMO MUSICAL E O DEFICIENTE AUDITIVO

TRABALHO PARA CONCLUSÃO DO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO ESPECIAL - UNIVER
SIDADE FEDERAL DO PARANÁ -
SETOR DE EDUCAÇÃO

CURITIBA - PARANÁ
1985

O RÍTMO MUSICAL E O DEFICIENTE AUDITIVO POR:

Maria Izabel Kierski.

MARIA IZABEL KIERSKI

Orientador:

Roseli Baumel

Prof^º. ROSELI CECÍLIA R. DE CARVALHO BAUMEL

Curitiba, janeiro de 1985

AGRADECIMENTOS:

- À professora Roseli Cecília R. de Carvalho Baumel pelas su gestões, pelo carinho e pela atenção.
- Ao primo Luiz Gonzaga Manassés, e aos amigos Edson Roberto de Quadros e Tânia Mateus, pelo apoio e incentivo.
- À Direção do CRAF "Alcindô Fanaya Jr", pela liberação de horário, facilitando meus estudos.
- A todos que, de alguma forma, cooperaram para que vencesse esta etapa com êxito.

"Creio na integração de pessoas não ouvintes e na possibilidade que têm de compreender e captar visualmente as possibilidades que podem desenvolver-se nelas por meio de batidas continuadas, vibrações, percussões e todas as mobilizações que realizamos com clareza no espaço"

(Maria Fux)

Aos meus alunos, com os quais
tenho aprendido tanto e pelos
quais meu ideal é válido.

A minha família, pela presença
constante.

DEDICATÓRIA	03
AGRADECIMENTOS	04
SUMÁRIO	05
1 - INTRODUÇÃO	07
1.1. Justificativa	10
1.2. Definição do problema	11
1.3. Objetivos da monografia	13
2 - DESENVOLVIMENTO	15
2.1. Deficiente auditivo na Educação Especial	15
2.2. A música na Educação Especial	21
2.3. Rítmo Musical e Deficiência auditiva - Importância na Reabilitação	25
3 - METODOLOGIA	28
4 - CONCLUSÃO	36
5 - REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	38

1. INTRODUÇÃO

"Grande foi sempre a influência da música sobre a mente humana. O homem primitivo dispõe apenas de poucas palavras. Quase somente o que ele vê é que tem nome. Para exprimir os sentimentos, serve-se de sons e cria a música que o ajuda a exteriorizar o júbilo, a tristeza, o amor, a crença nos poderes supremos e a vontade de dançar. Para ele é parte da vida a música, desde o acalanto até a elegia fúnebre, desde a dança ritual até a cura dos doentes pelo ritmo"¹

Os elementos fundamentais da música são o ritmo, a melodia e a harmonia. Sem dúvida o ritmo é o mais primitivo dos três, pois faz parte de toda a vida. O ritmo sempre existiu. É um elemento básico não somente na música, mas em todas as manifestações da vida. A vida é movimento, e o som se origina do movimento. E foi através do som e do movimento (ritmo) que o homem começou a imitar os elementos da natureza, as águas, os ventos, numa tentativa de classificá-los, de se comunicar ou até mesmo de se identificar com eles.

A necessidade do primitivo de se comunicar não só com o meio em que vivia mas também com os deuses e com os seus semelhantes, fez com que a música nascesse e continuasse evoluindo junto com o homem, assumindo um papel de grande importância em todos os momentos de sua vida.

As manifestações iniciais, através de sons primitivos, eram extraídas do próprio corpo do homem, da sua voz, que não deixa de ser um instrumento musical e de batidas de mãos e de pés, bem como de movimentos.

Rítmos e sons primitivos foram evoluindo, e esta comunicação se transforma, aos poucos, em necessidade de expressão e até de experiência estética. Os sons vão se aglutinando, forman

¹ PAHLEM, 1965.

do melodias rudimentares, os ritmos vão se complicando. E, da música pura passa-se à polifonia, inicialmente com melodias superpostas e depois já com uma música vertical (com o aparecimento da harmonia).

O homem, na sua evolução, reconstitui a evolução histórica da música. Inicialmente, numa fase intra-uterina, ele percebe sons e ritmos rudimentares. No nascimento, com a passagem de um meio líquido para um meio aéreo, a sua primeira manifestação é sonora - o choro. Aos poucos esses sons ainda guturais vão se organizando. No balbucio eles vão se aglutinando, inicialmente a dois (terça menor) e depois aumentam até formar melodias simples que são cantadas e transmitidas oralmente. Gradativamente a música atinge a sua complexidade: ritmo, melodia e harmonia, no sentido de ir do mais simples ao mais complexo, do mais primitivo ao mais novo.

O dicionário define o ritmo como "movimento ou ruído que se repete no tempo, a intervalos regulares, com acentos fortes e fracos".

No homem, o ritmo está presente em todos os momentos de sua vida. Ele faz parte de seu corpo. Ele está na respiração, na circulação, no andar... Seu próprio nome tem ritmo. Ele está presente quando a criança chora, quando balbucia, quando começa seu processo de aquisição da linguagem.

E o deficiente auditivo?

Por não possuir um modelo auditivo, o deficiente em questão apresenta um déficit no desenvolvimento da fala.

"Até um ano de idade o desenvolvimento psicomotor da criança deficiente auditiva é normal; ela chora, grita e ri como qualquer outra criança quando quer expressar seus desejos. Essas sensações cinestésicas musculares e articulares ela executa como um jogo; os sons não tem aí, nenhum significado".²

2 LEINING, 1977

Faz-se necessário levar o deficiente auditivo à consciência do mundo sonoro, através de treinamento auditivo que o faça compreender o significado dos sons. E este treinamento deve progredir de acordo com o desenvolvimento das crianças com audição normal, ou seja, o deficiente auditivo deve aprender a balbuciar, a obter o controle da voz, ritmo e entonação, para adquirir uma fala mais próxima da normal.

O ritmo da linguagem apresenta características idênticas ao ritmo musical:

- há ritmo na linguagem quando sílabas longas e breves, acentuadas ou não, se sucedem em uma ordem lógica;
- há ritmo na música quando se alteram sons de diferentes durações e acentuações.

A criança normal percebe o som, o experimenta e assim vai se desenvolvendo.

Este processo é importante também para o deficiente auditivo, pois segundo Mursell (apud Mársico, 1982) "ninguém pode amadurecer sem ter tido experiências".

De acordo com o que se esboçou até aqui, parece legítimo concluir que o ritmo musical é parte integrante de um programa de reabilitação para o deficiente auditivo.

1.1. JUSTIFICATIVA

Se o ritmo sempre fez parte integrante da vida do homem como um sistema básico para sua própria sobrevivência, torna-se também importante para a reabilitação da audição e da fala.

O deficiente auditivo apresenta déficit de comunicação através da fala, pela falta de modelo auditivo.

A fala é estimulada pelo movimento, e ritmo é movimento.

A palavra é ritmo, assim como tudo em nosso corpo é ritmo: a respiração, a circulação do sangue, o andar, etc.

É através do ritmo que desenvolvemos a motricidade geral e preparamos a criança para a aquisição da linguagem. Não será o ritmo musical o único responsável por esse desenvolvimento, mas sem dúvida é um grande colaborador, visto ser uma atividade de agrado das crianças.

Dessa forma, um estudo que procura ressaltar a importância que o ritmo musical tem na reabilitação do deficiente auditivo, formando um novo instrumento de comunicação, um prolongamento de cada indivíduo, seja em forma de movimentos corporais, execução instrumental ou vocal, parece ser de grande valia.

1.2. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

É impossível desconhecer que a satisfação que traz a música é fonte de equilíbrio íntimo e ajustamento emocional. Sabe-se bem que o ritmo é socializante, contagiante e organizador; a voz humana, um instrumento musical.

Mas com deficientes isto só não basta. Por isso o ritmo musical se faz importante para a reabilitação do deficiente auditivo.

Crianças normais aprendem a falar através de um mecanismo de imitação. Entretanto tem a capacidade de escutar a si mesmas, Dessa maneira podem corrigir e aperfeiçoar suas habilidades mediante a comparação e recordação dos modelos de linguagem de outras pessoas.

Com o deficiente auditivo esta possibilidade não existe. Eles carecem de um modelo auditivo para as suas próprias formas de linguagem. O deficiente auditivo capta os movimentos labiais de outras pessoas, mas não pode captar os seus próprios movimentos labiais. Porém, este fato não constitui um substituto perfeito da audição normal, e por isso se deve estimular ao máximo os restos auditivos do deficiente. O treinamento deve ter início o mais precocemente possível, levando sempre em conta que o ritmo musical tem importância para organização da linguagem falada. Haverá um esforço em oferecer ao deficiente auditivo primeiramente a vivência, para que possa reconhecer o que experimentou, e depois analisar.

Porém, o objetivo final é a interligação desses três processos: vivenciar, compreender e analisar.

Isto significa: enquanto faço algo, estou consciente do que faço e ao mesmo tempo sei porque o faço.

O tema do presente trabalho emergiu do contacto com profissionais atuantes na educação especial, tendo em vista a dificuldade de se encontrar material específico para o trabalho

de reabilitação do deficiente auditivo, principalmente nesta área de atuação, ou seja a música.

Pode-se, portanto, colocar o problema do presente estudo na indagação:

Considerada a importância do ritmo na vida do homem, como um sistema básico para sua própria sobrevivência, qual é a importância do ritmo musical na reabilitação do deficiente auditivo?

1.3. OBJETIVOS DA MONOGRAFIA

A meta principal da reabilitação do deficiente au
ditivo é sua integração. Nesse sentido, os objetivos deste trabaa
lho foram:

- relatar a importância do ritmo musical na reabii
litação da criança deficiente auditiva.
- selecionar atividades e meios utilizados para o
desenvolvimento do ritmo musical com deficientes
auditivos.
- relatar experiências pessoais em trabalho com dee
ficientes auditivos.

"Admito que essas crianças excepcionais sejam vítimas do destino, mas não admito que sejam vítimas também de nossa indiferença."

(John Kennedy)

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. DEFICIENTE AUDITIVO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

"Educação Especial é um ramo da pedagogia que estuda e reúne os métodos e processos adequados aos indivíduos que não podem se beneficiar do ensino comum, pois necessitam de orientação e de recursos especiais para atingirem o rendimento máximo de suas potencialidades." É o que está identificado nas palavras de Bagatini. 3

A educação aos excepcionais está protegida pela Legislação, através da Lei Federal 5692/71 (Reforma do Ensino), que determina no artigo 9º do capítulo I, relativo ao ensino de 1º e 2º graus:

Os alunos que apresentam deficiências físicas ou mentais, os que se encontram em atraso considerável quanto à idade regular e os superdotados, deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes conselhos de educação.

"As metas prioritárias da reabilitação do excepcional são a sua auto-realização como indivíduo e a sua inserção no meio social como ser produtivo e atuante. Desta forma, toda instituição que se dedicar à educação deste tipo de clientela deve nortear suas atividades para a consecução desses objetivos básicos." Pode-se destacar esta proposta através do Projeto Prioritário de Reformulação de Currículos para Educação Especial. 4

Assim se expressa Edler (1980) definindo que "a educação de excepcionais é Especial porque se diferencia metodologicamente da comum, bem como se destina a indivíduos especiais." 5

O termo "excepcional", segundo ROSS (apud Bagatini, 1983) aplica-se tanto a indivíduos superdotados quanto aos preju

3 BAGATINI, 1983

4 MEC/CENESP, 1979

5 PEREIRA, Olívia. Educação Especial, Atuais Desafios, 1980.

dicados por deficiências, ou seja, indivíduos situados acima ou abaixo da média das características do grupo a que pertencem.

"Essas características são consideradas sob três aspectos:

- condições físicas: capazes de facilitar ou dificultar a eficiência das aptidões necessárias para uma evolução e adaptação sa da.
- condições psicológicas - que influenciam na aprendizagem de tec nicas e instrumentos da cultura, na aquisição de normas de com portamento, na formação de atitudes face à vida e na construção de valores que norteiam as ações pessoais.
- condições sociais - decorrentes de fatores sócio-econômicos e culturais, que favorecem ou deformam o equilíbrio da constela ção familiar e por extensão, a personalidade básica da criança.

Assim, com base no conceito geral de excepcional - indivíduo situado acima ou abaixo da normalidade - temos dois gran des grupos de excepcionais que são os superdotados (acima da mé dia) e os subdotados (abaixo da média).

Pode-se ressaltar, mais claramente, como se defi nem estes dois grandes grupos:

- SUPERDOTADOS nos aspectos:
 - . físico - beleza, força, agilidade, etc...
 - . psicológico - alto nível mental, dotes artísticos, criativida de, etc...
 - . social - liderança, bom uso de bens, etc...
- SUBDOTADOS nos aspectos:
 - . físico - deficiências físicas variadas, defeitos morfológicos, deficiências sensoriais, lesões cerebrais, disfunções hormo nais, etc...
 - . psicológico - retardo, bloqueio ou perda das funções que con tribuem para o desenvolvimento da inteligência, desarmonias afetivo-emocionais que levam aos estados neurótico, psicótico ou psicopáticos.
 - . social - carências da família ou da comunidade que os levam

ao estado de orfandade, abandono e marginalização." 6

Observando os dois grupos acima, nota-se que o de ficiente auditivo está classificado como subdotado no aspecto fí sico, pois apresenta uma deficiência sensorial.

A forma de atendimento para cada excepcionalidade varia, de acordo com o grau e o tipo de excepcionalidade. Insti - tuições especializadas, classes especiais anexas e escolas regula res, centros de reabilitação, clínicas e demais modalidades pode rão contribuir para a consecução dos fins propostos desde que ado tem como premissas básicas de trabalho, o potencial real dos edu candos e as condições sociais do meio em que se situam. É de im portância ressaltar que o simples fato de se colocar o excepcio nal junto à população geral não significa estar integrando-o so cialmente. Nota-se contudo, sobre este aspecto, que grande número de indivíduos portadores dos mais diferentes tipos de excepciona lidade podem e devem participar, desde cedo, de atividades do me io social geral. Muitos poderão e deverão ser encaminhados a clas ses regulares, porque as suas características de desvio não são tão marcantes e, portanto, não exigem escolaridade especial. Ou tros, embora possuam traços característicos bastante distante da média da população, receberam atendimento adequado desde tenra i dade, de tal forma que o potencial desenvolvido permite a participa ção e o usufruto reais das oportunidades escolares, junto a cri anças ditas normais.

Especificamente falando sobre o deficiente auditi vo, parte-se do conceito de deficiência auditiva e do atendimento ao deficiente auditivo, para acompanharmos o processo de integra ção do mesmo.

Segundo Myklebust (apud Fleming, 1982), deficiência auditiva é perda parcial ou total da habilidade de ouvir sons em várias intensidades e das habilidades perceptivas e interpretativas do indivíduo na comunicação. 7

6 BAGATINI, Wilson. Educação Física para Excepcionais, 1983.

7 FLEMING, Juanita. A Criança Excepcional, 1978.

Assim sendo, a criança com audição comprometida, apresentará um déficit no desenvolvimento da linguagem, resultante da audição imperfeita e não de defeitos no mecanismo da fala. Como a linguagem é necessária à comunicação social e à aprendizagem acadêmica, torna-se evidente que o dano causado por um distúrbio da audição apresenta muito mais do que uma simples redução da sensibilidade auditiva.

O atendimento às necessidades especiais das crianças deficientes auditivas requer a cooperação e habilidades especializadas de profissionais em muitas disciplinas. A medicina, a psicologia e a educação, são algumas destas. De grande importância também são os pais e a comunidade como um todo.

O objetivo principal da Educação Especial é a integração do deficiente na sociedade.

O processo de integração do deficiente auditivo tem início quando ele é aceito na escola comum, pois o convívio com pessoas ouvintes o fazem viver experiências sociais e culturais, proporcionando assim, o contato permanente aos estímulos verbais, que por certo despertarão o desejo de serem compreendidos.

Experiências neste sentido tem sido realizadas aqui em Curitiba e mostram os resultados dessa integração. Crianças que freqüentam a escola comum, procuram se esforçar mais na utilização da fala, para comunicarem-se, e mostram maior interesse na aquisição e aumento de vocabulário.

Porém, para que esta experiência traga sempre resultados positivos, é importante que haja um trabalho no sentido da conscientização e adaptação da criança deficiente auditiva na escola comum. Por isso há um acompanhamento paralelo das escolas especializadas, nas programações desenvolvidas pela escola comum.

À medida que a criança vence suas dificuldades, a escola especial vai ficando em segundo plano, até suprir completamente a necessidade de seu atendimento.

Importante porém se faz ressaltar que, caso o defi

ciente auditivo apresente problemas graves de conduta, retardo mental, deficiência visual, ou outra deficiência grave qualquer que dificulte seu ajustamento à escola comu, será necessário colocá-lo numa escola especial, onde receberá atendimento adequado a sua múltipla deficiência.

As crianças deficientes auditivas seguem a mesma evolução das crianças ouvintes no que se refere ao crescimento físico.

Sabe-se que a criança que nasceu deficiente auditiva ou que perdeu a audição antes de aprender a falar, não possui linguagem, que é o meio natural e espontâneo de comunicação. É através da educação especial que o deficiente auditivo chegará a falar, através de metodologia específica que possibilite a reabilitação da audição e da fala.

Torna-se importante, no entanto, que este trabalho tenha início o mais cedo possível, para que as fases de desenvolvimento da linguagem não entrem em defasagem.

Porém, para que este trabalho precoce tenha início, é necessário haver conscientização da sociedade, principalmente da família de crianças deficientes auditivas, e mesmo do excepcional de modo geral. Ampla divulgação é necessária, com o objetivo de dar conhecimento ao público em geral sobre as possibilidades de um deficiente auditivo viver em sociedade, demonstrando seu valor como membro útil dessa mesma sociedade. Através desta divulgação, serão fornecidas informações sobre a prevenção da surdez num trabalho de profilaxia e terapêutica. Todos os órgãos da imprensa escrita, falada e televisada são de grande importância para que realmente esta comunicação seja realizada e conscientizada pela sociedade.

Através desta divulgação, os pais serão alertados quanto às providências a serem adotadas no sentido de que seu filho, à idade bem precoce, possa receber todos os benefícios de um ensino especializado.

Nada pode substituir os pais na educação do deficiente

ente auditivo, por isso torna-se importante que eles colaborem na reabilitação de seus filhos, complementando o trabalho da equipe especializada, ou seja, interação família e escola.

Os professores especializados devem ter previamente um suficiente preparo teórico e prático na educação de crianças normais, pois torna-se mais fácil compreender uma "criança especial" após experiências com crianças normais, obtendo-se uma boa perspectiva do que seja uma criança normal.

Condição essencial para o sucesso em qualquer trabalho educativo, sobretudo com crianças deficientes auditivas, é a atitude do professor no que se refere à psicologia da criança. Ela precisa confiar no professor, reconhecer nele um amigo, a pessoa que a compreende tão bem na escola, quanto os pais em casa.

A tarefa do educador de um deficiente auditivo implica em desempenhar seu trabalho com humanismo, compreensão e principalmente amor.

2.2. A MÚSICA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

"A educação integral da personalidade do educando, encarada sob seu aspecto global, tem na música o seu mais alto elemento de socialização e ajustamento, que atuando através do prazer sadio e da satisfação íntima e coletiva, produz por suas atividades a necessária higiene mental e terapêutica." 8

A música tem alto valor como meio de comunicação entre os indivíduos. Sociabiliza.

Também na educação especial a música pode desempenhar papel importante. Poderá auxiliar à criança excepcional em suas habilidades acadêmicas tais como ler, escrever, fazer contas, e pode também proporcionar a tão necessária área dentro da qual a criança pode satisfazer totalmente sua procura de expressão própria e de realização.

A aplicação intensificada da aprendizagem dos elementos musicais como auxiliares da reeducação psicomotora, foniatrica e intelectual é característica da educação musical especial. Nesta função auxiliar, está incluído, por ser inseparável, o aspecto especificamente musical por seu valor de caráter estético, diante das possibilidades e limitações do educando excepcional, limitações e possibilidades estas, que se tem em conta com o fim de dosar um ensino que deve contribuir em maior ou menor grau no desenvolvimento harmônico das faculdades humanas mais valiosas.†

Desta maneira, deve-se trabalhar com o objetivo de conseguir um mínimo de capacidade de compreensão da linguagem musical, partindo-se da exercitação sensorial auditiva, que conduzirá ao discernimento de determinados elementos dentro do complexo sonoro total.

Através da manipulação de instrumentos musicais diferentes, crianças excepcionais poderão desenvolver a habilidade manual, propiciando assim maior fluência na escrita e em outras

8 FERREIRA, Idalina. Atividades na Pré-Escola, 1981.

tarefas diárias como vestir-se, comer e arrumar-se. Poderão também participar de jogos musicais e canções que incluam contar, seguir instruções verbais, emitir sons apropriados em atividades de conscientização do corpo e em muitas outras semelhantes que poderão contribuir para o desenvolvimento total da criança.

A música poderá ter papel importante no que diz respeito à reabilitação de deficientes físicos, porém com cuidado de medir com exatidão o tipo de movimentação exigida para a determinada música ou o grau de coordenação exigido para manipular um instrumento musical.

+ Instrumentos de sopro poderão ajudar o controle da respiração para crianças com asma ou deficiências da fala. +

+ "Fazendo uma síntese dos argumentos que justificam a área de música num currículo para deficientes auditivos, poderíamos chegar à definição dos objetivos gerais desta, nos seguintes termos: A criança deverá, através da música:

1. Desenvolver a função auditiva e utilizar amplamente seus resíduos auditivos;
2. Desenvolver o senso ritmico;
3. Estabelecer, através do treino ritmico e de entonação, as bases para uma fala mais expressiva, inteligível e natural;
4. Desenvolver a coordenação motora;
5. Desenvolver a espontaneidade, imaginação e criatividade;
6. Descobrir na Música uma fonte de prazer e de comunicação." 9 +

De grande importância é a presença do professor de música, o seu interesse, sua capacidade e principalmente sensibilidade, para transmitir, para comunicar, e fazer com que a criança excepcional participe realmente da aula de música. Esta deverá sempre constar de atividades agradáveis e gratificantes. +

O professor deverá prestar atenção à forma de agrupamento.

9 Ministério da Educação e Cultura. Proposta Curricular para Deficientes Auditivos, 1981.

par as crianças. Os sons utilizados, os temas das canções e o caráter dos exercícios rítmicos devem ser adequados às condições dos alunos quanto ao grau de compreensão, ao estado emotivo, às possibilidades físicas e aos interesses relacionados com suas vivências. O professor deverá levar em conta o tipo de excepcionalidade e agir de acordo com esta consciência. O vocabulário deverá estar sempre ao alcance das crianças.

Toda experiência vivenciada pelas crianças, quer sobre orientação do professor ou não, jamais poderá passar despercebida, pois faz parte integrante da aquisição de novos conceitos.

A característica principal da Pedagogia Moderna, segundo Escudero (1977) "é sua preocupação constante pela criança. O ensino atual consiste então, num ativo intercâmbio de experiências e motivações entre professores e alunos." 10

Neste sentido, faz-se necessário que a criança entre em contato direto com a música através do canto, dos instrumentos musicais; do corpo humano, do movimento e expressão corporal; dos jogos musicais, da dramatização ou qualquer outra forma de expressão através da música.

A Pedagogia Moderna leva a criança a tomar parte direta e ativa do mundo da música. Faz-se, portanto, importante levar a criança a criar, improvisar e desenvolver o seu sentido rítmico, levar a criança a cantar e a se expressar com liberdade, encontrando sempre novas motivações que a impulsionem cada vez mais a uma plena realização.

Deste modo, é evidente que a música exerce influência sobre a criança, pois música é sinônimo de alegria, jogo, movimento e atividade.

Assim, através de necessária habilitação de professores na área musical, a música poderá ser utilizada em todos os tipos de excepcionalidades. Os métodos utilizados é que irão variar de acordo com as crianças, mas a música fará parte de suas

10 ESCUDERO, Maria Pilar. Pedagogia Musical, 1977.

vidas, indicando-lhes um caminho de maravilhosa expressão e principalmente ajudando-as a revelar, através de suas criações espontâneas, um pouco daquilo que elas trazem dentro de si.

2.3. RÍTMO MUSICAL E DEFICIÊNCIA AUDITIVA - IMPORTÂNCIA NA REABILITAÇÃO

A criança quando nasce, embora apresente os órgãos da audição em perfeito estado, não tem ainda compreensão auditiva. Ela aprende a interpretar sons que existem a sua volta, à medida que eles ocorrem nas diversas situações do dia a dia. Realiza-se uma evolução da audição compreensiva.

Com a criança deficiente auditiva, apesar de apresentar sempre resíduos auditivos, estes permanecem sem utilização por falta ou insuficiente estimulação. Levando em conta esses resíduos auditivos, deve-se propiciar a ela condições para que aprenda a ouvir e interpretar os sons como a criança ouvinte o faz.

De início, o deficiente auditivo perceberá o som, simplesmente, como seria no caso exercícios de presença e ausência de som, para mais tarde distingui-lo, analisá-lo, localizá-lo e incorporá-lo como fator importante do início de sua reabilitação, ou seja, o deficiente auditivo deverá aprender a ouvir esses sons, atribuir-lhes significados e retê-los na memória.

Faz-se notar aqui, a importância da utilização de equipamentos específicos de amplificação sonora e vibradores, que possibilitem a compreensão dos estímulos sonoros, mesmo daqueles que, sem amplificação, estejam fora do campo auditivo do deficiente.

Este trabalho requer tempo, paciência e amor, e deve iniciar o mais cedo possível.

→ Para uma criança portadora de deficiência auditiva é de suma importância tomar conhecimento do mundo sonoro, o que ocorre através da estimulação auditiva. Esta, proporcionará melhores condições para aquisição da linguagem e desenvolvimento da comunicação oral.

→ Através do ritmo musical, consegue-se desenvolver a motricidade geral e se prepara a criança para a aquisição da

linguagem. +

+ O ritmo está presente na natureza, com ou sem intervenção do homem. Este é o ritmo natural, espontâneo. Ele é inerente à vida, ao movimento, à expressão criadora e sempre existiu. +

Segundo PALLARÉS (1983), o ritmo realiza a vida. O pulsar de vibrações é a manifestação de vida, é o ritmo definido em harmonia e equilíbrio. 11

+ Se o ritmo é inerente à vida, também o é ao deficiente auditivo, que precisa somente de chances para desenvolvê-lo. +

De grande importância é o relato de experiência realizada por Maria Fux, com um grupo de crianças deficientes da audição. Em seu livro "Dança, Experiência de Vida" ela afirma:

"Para compreender melhor ao surdo e seus problemas, obtive uma Cadeira em um colégio que se especializava na educação do não ouvinte e comecei meu trabalho nele com um grupo heterogêneo de meninas entre os sete e os dezessete anos. Alí minha tarefa foi tão dura quanto apaixonante...

E pensei na palavra "vibrações" depois que junto com eles já havíamos ido ao encontro de movimentos lentos, fortes, pesados, leves, percussivos, descendentes, ascendentes, em diagonal, em suspensão...

A palavra "vibração", escrita em uma lousa, não tinha, no princípio, nenhum significado para o grupo. Mas começou a tê-lo quando apertei meus dentes e produzi o som rrrrrrrr. Este - não audível para meus alunos - se reproduzia na língua e repercutia nos dentes. A partir deles prolonguei-o até minhas pernas e para minhas mãos. Isto nos levou em direção a um ritmo diferente e a palavra "vibração" passou, de imediato, a significar muito. Perguntei-lhes então, onde haviam sentido a vibração: quase todos responderam que no plexo e não na língua.

11 PALLARÉS, Zaida. Ginástica Rítmica, 1983.

Ao ser mobilizado todo o corpo através desta vibração iniciada na boca, o grupo encontrou um novo enriquecimento para ritmos não-audíveis. Eles podiam combiná-los com os já conhecidos e obter assim frases que ajudassem o encontro desta nova linguagem." 12

Portanto, observou-se com o relato desta experiência, que as leis de desenvolvimento da fala para os deficientes auditivos, obedecem os mesmos padrões que para a criança ouvinte, pois esta percebe o som, o experimenta e assim vai se desenvolvendo; ela parte dos macromovimentos para os micromovimentos, sempre trabalhando o ritmo, a tensão e o relaxamento.

+ A estimulação do corpo é importante para o deficiente auditivo a fim de que ele consiga um bom tonus muscular, facilitando a aquisição de uma fala mais próxima da normal. +

No início deste trabalho apresentou-se um paralelo do ritmo da linguagem e o ritmo musical, onde ficou esclarecido que:

- há ritmo na linguagem quando sílabas longas e breves, acentuadas ou não se sucedem em uma ordem lógica, e que há ritmo na música quando se alteram sons de diferentes durações e acentuações.

Nota-se aqui a importância do ritmo musical como base para a organização da linguagem falada.

+ A palavra é ritmo. Uma frase contém ritmo. Para criança torna-se muito mais agradável aprender através de atividades que lhe tragam prazer e alegria, e o ritmo musical proporciona a atividades altamente gratificantes para elas. +

+ Num ambiente calmo, descontraído, onde o espírito criador é bastante incentivado e valorizado, procura-se contribuir para o desenvolvimento geral do deficiente auditivo, auxiliando na reabilitação da audição e da fala.

3. METODOLOGIA

O ritmo preside a maior parte dos jogos infantis. Desde pequena a criança bate seus brinquedos uns contra outros. Esses ruídos repetidos a intervalos regulares vão se transformando cada vez mais rítmicos. Para a criança, o ritmo traz um bem estar que invade completamente seu ser, por isso ela o aceita e vivencia plenamente. Sobre este aspecto, nota-se a importância de se trabalhar ritmo a partir da prática e do movimento.

Esta vivência torna-se importante também para o deficiente auditivo. Maria Fux afirma que "a tarefa de reabilitar, conhecer e ajudar a um surdo não pode ignorar a valiosíssima experiência que significa o encontro com o corpo" e que "a experiência do corpo é descobrir o ritmo interno através do qual se pode mobilizar a via de comunicação que há em seu interior." 13

Percebe-se nesta afirmação, que todo o trabalho rítmico com deficiente auditivo deverá ter início em seu próprio corpo. Será através da sensação e percepção dos próprios ritmos corporais que o deficiente auditivo chegará à percepção e reprodução de ritmos ambientais. Parte-se deste modo, de experiências próximas às crianças para depois chegar às mais distantes.

Contudo, é importante salientar que o ritmo do organismo humano não é sempre uniforme. Ele se modifica de acordo com o estado de saúde ou mesmo com o estado emocional. Deste modo, observa-se que crianças mais agitadas apresentam um ritmo mais acelerado e que crianças mais calmas, apresentam um ritmo mais lento.

Para que o deficiente auditivo compreenda e reencontre seu ritmo natural, é necessário que se aceite o ritmo apresentado por ele, conduzindo-o lentamente à busca do equilíbrio e harmonia de todo seu corpo.

BEUTTENMULLER afirma que "é pela observação do ritmo da respiração e identificação com "pulsação" que se pode obter

13 FUX, 1983.

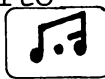
uma harmonia adequada, tanto ao movimento como à fala." 14

Desta maneira torna-se importante ao deficiente auditivo, os exercícios de relaxamento e expressão corporal, que o ajudarão nesta descoberta.

Assim que a criança consegue perceber sua pulsação, através da mão colocada sobre o peito na altura do coração, ou sobre a jugular, poderá reproduzi-la através de palmas, do andar, de sílabas, ou mesmo da utilização de instrumentos musicais.

Nota-se a importância de que esta experiência seja realizada não somente com o próprio corpo, mas observando também o de seu colega ou do professor.

Desta forma, o deficiente auditivo poderá obter seu primeiro conceito sobre o andamento rítmico, ou seja o ritmo mais lento e o mais rápido, através da comparação entre o seu ritmo natural e o da outra pessoa.

Entre o andar e o correr, pode-se estabelecer diferenças rítmicas. O andar pode ser representado através da semínima ; a corrida, através da colcheia . O saltito estaria representado pela colcheia pontuada e a semicolcheia .

Observando os animais, imitando sua maneira de locomover-se, também é possível caracterizar o ritmo. A maneira elegante e um pouco lenta que a girafa se locomove, pode sugerir a mínima , assim como o andar vagaroso e pesado do elefante sugere a semibreve .

Não se deve esquecer, no entanto, que a precisão rítmica deverá ser constante, seja qual for o "andamento" (velocidade) adotado para os exercícios. As relações de duração entre um valor e outro devem ser perfeitas, ou seja: a seminima deve ser exatamente a metade da mínima e o dobro da colcheia, etc...

Devem ser esgotadas todas as possibilidades para que

a criança deficiente auditiva interiorize bem estes ritmos.

Os exercícios rítmicos devem ser progressivos. Inicia-se, como já foi dito, com o que está mais próximo à criança, através de ritmos simples, para chegar ao mais complexo.

A imitação é o processo mais espontâneo de aprendizagem e portanto o ponto inicial para a educação do senso rítmico. Desta forma, exercícios aproveitando os movimentos rítmicos imitativos ou expressivos, são de importância para esta aquisição.

Através de motivação sugerida pode-se levar a criança a criar novos ritmos e movimentos, imitando o palhaço, o passarinho, como faz o relógio, o trenzinho, etc...

A utilização de músicas adequadas que sugiram tais movimentos, enriquecem esta exercitação, onde a criança deverá perceber que deve iniciar o movimento quando inicia a música e parar quando esta termina. Exercita-se repetidas vezes cada exercício, até que a criança associe o ritmo da música aos movimentos que deve executar.

Desta maneira, inicia-se o preparo do deficiente auditivo para dança.

O conceito de intensidade é de importância para o desenvolvimento do senso rítmico no deficiente auditivo.

Explica-se a noção de forte e fraco através de movimentos corporais, como um aperto de mãos forte e outro suave, andando com os passos fortes do gigante ou os passos suaves do anãozinho, marchando, ou através de instrumentos musicais, contrastando batidas fortes e suaves.

Como recurso visual, pode-se usar cartões com linhas suaves  ou linhas fortes  para designar respectivamente o fraco e o forte.

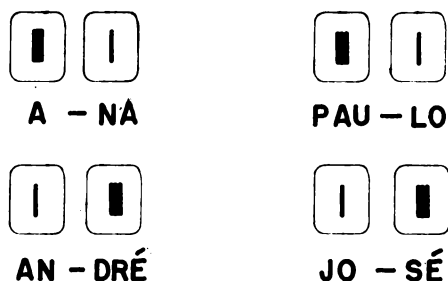
Aos poucos, o deficiente auditivo percebe que existem acentuações diferentes, e que uma é mais forte que outra, com

mo no exemplo a seguir:

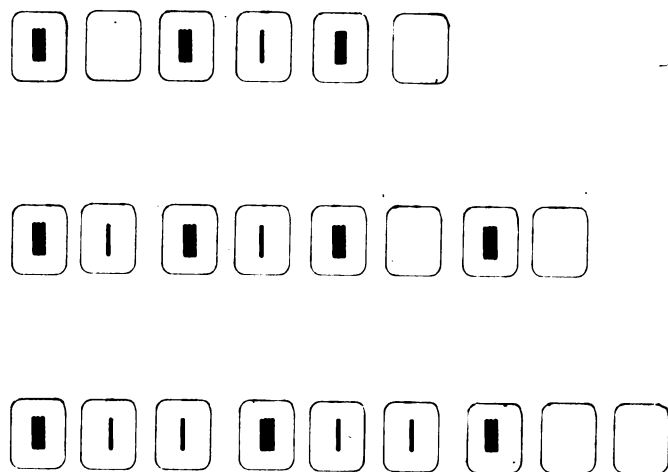


Percebendo tais acentuações, pode-se levar ao conhecimento do deficiente auditivo, que o acento métrico a cada 2, 3, 4 pulsos, correspondem, respectivamente aos ritmos binário, ternário e quaternário, e que estes são bases para a acentuação das sílabas, quando da aquisição da linguagem.

Leva-se à compreensão das crianças que um ritmo binário, com diferentes acentuações pode ser associado aos próprios nomes, como no exemplo:



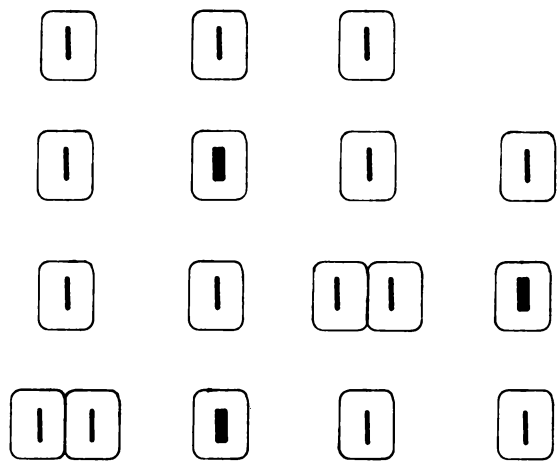
Outro fator importante é o silêncio, representado pelas pausas, e que é referente ao repouso muscular, ausência de movimento ou de som. Representa-se através de um cartão em branco, como no exemplo que se segue:



Deve-se ampliar estes exercícios, de acordo com o nível de compreensão e discriminação auditiva realizado pelas crianças. Torna-se importante, também, deixar que a criança manuseie os cartões, dispondo-os de acordo com seu pensamento, realizando posteriormente o seu exercício individualmente, com o colega, dirigindo o grupo, etc...

Vencida esta etapa, passa-se a trabalhar intensida

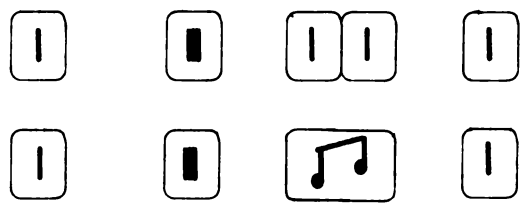
de e ritmo associados, através dos mesmos cartões apresentados até agora, em escala crescente de dificuldades, como no seguinte exemplo:



Ressalta-se a importância de passar para um novo exercício, somente após a criança responder bem ao ritmo, por audição. A cada ritmo novo apresentado, deve-se ter sempre a mesma preocupação.

À medida que se somam os exercícios, importante se faz a discriminação auditiva. Desta maneira, toca-se um dos ritmos trabalhados anteriormente e se pede à criança que indique nos cartões ou execute-o.

Aos poucos, pode-se substituir os cartões pelas figuras ou valores musicais, como neste exemplo:



Para trabalhar a noção de pulso, utiliza-se o metrônomo como auxiliar de grande valia.

Deve-se bater um ritmo em diferentes andamentos, levando à compreensão da criança que o pulso é constante, embora sua

velocidade possa variar.

Pretende-se, com estes exercícios, que o deficiente auditivo seja capaz de perceber e marcar a pulsação de músicas lentas e rápidas, através de instrumentos de percussão ou com movimentos corporais.

Associa-se agora, a acentuação métrica com a pulsação. Cada criança deverá reproduzir ritmos em pulsação seriada, isto é, de maneira consecutiva, sem perder a unidade de tempo. Inicia-se desta forma a exercitação do eco rítmico.

A princípio, a célula rítmica pode ser dada pelo professor, com ritmos simples e curtos, mas mantendo sempre a pulsação.

Aos poucos, pede-se para que as crianças imaginem ritmos e conduzam o exercício da mesma forma que anteriormente.

Tal processo leva à criação espontânea de ritmos, facilitando desta forma o diálogo rítmico.

Da mesma forma, primeiramente o professor formula a "pergunta" (bate um modelo rítmico diferente).

Embora os ritmos sejam diferentes, deve-se observar sempre a pulsação, como no exemplo que segue:

- pergunta: $\frac{4}{4}$ 

- resposta: $\frac{4}{4}$ 

Todo o trabalho deve ser ativo e variado, para que o deficiente auditivo esteja motivado e participante, pois vivendo a experiência é que ele chegará a compreendê-la.

LE BOULCH afirma que "o trabalho de discriminação

perceptiva deve ser precedido por um período de experiência global do "corpo vivido". Esta experiência global será feita, de um lado, no decorrer dos jogos e do trabalho de coordenação dinâmica geral, por outro lado, propondo à criança evoluções e movimentos livres a partir de um tema musical apropriado a sua idade". 15

Desta maneira, uma vez percebidos, vivenciados e discriminados os conceitos básicos de ritmo, pode-se iniciar um trabalho de treinamento em Bandinha Rítmica, Conjuntos Rítmicos e Dança.

Considerando que improvisar e criar são de grande importância para o desenvolvimento da expressão espontânea, deve-se estimular gradativamente ao deficiente auditivo, para que consiga alcançar tal objetivo, não somente nas atividades de ritmo musical, mas que estas lhe sirvam de base para o seu total desenvolvimento.

4 - CONCLUSÃO

O estudo apresentado, é fruto de experiência no trabalho com deficientes, somada ao constante interesse de ajudar ao programa de reabilitação de tal clientela.

Os exercícios aqui apresentados, devem servir apenas como ponto de referência, pois inúmeras são as sugestões e muito se pode criar em termos de Rítmo Musical.

Durante toda a pesquisa procurou-se levantar um paralelo entre o desenvolvimento de deficiente auditivo e a criança comum.

Pode-se afirmar que o deficiente auditivo tem todo um potencial a ser desenvolvido para a aquisição da linguagem, necessitando apenas de um modelo e constante estimulação para que se processe tal aprendizagem.

Pela privação da audição, o deficiente auditivo encontra-se na impossibilidade de servir-se espontaneamente dos estímulos sonoros para o desenvolvimento crescente da percepção auditiva que propicia a aquisição da linguagem, desta forma deve-se construir sua linguagem som por som.

A confiança, a segurança, a possibilidade de exteriorizar as sensações e os sentimentos, a alegria de se fundir harmoniosamente num grupo, são elementos importantes que fazem do ritmo um setor imprescindível para a reabilitação do deficiente auditivo.

Pode-se utilizar em seu ensino, uma quantidade de exer

cícios que, de início, pareciam reservados somente para os que ou
vem.

Partindo do ritmo e do movimento, percebe-se que uma vez adquirindo o senso rítmico, pode-se aplicar à aquisição da lingua-gem, pois o ritmo do corpo e o da fala se encontram e se sustentam. A noção dinâmica do ritmo introduz ao deficiente auditivo o impulso necessário a sua expressão verbal.

Finalizando, torna-se importante ressaltar que o clima de trabalho deva ser descontraído e alegre, possibilitando a participação ativa das crianças e o espírito de colaboração no sentido de construirem juntos, professor e alunos, numa troca espontânea e constante de idéias, as bases fundamentais da jornada no sentido da reabilitação da audição e da fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCANJO, Samuel. Lições elementares de Teoria Musical. São Paulo. Ricordi Brasileira, s.n.e. 163p.
- BAGATINI, Wilson - Educação física para excepcionais. Porto Alegre. Grafosul, 1983. 132p.
- BEUTTENMULLER, Maria da Glória et alii. Expressão Vocal e Expressão Corporal. Rio de Janeiro. Forense-Universitária, 1974. 132p.
- BENEZON, Rolando O. Musicoterapia Y Educacion. Buenos Aires. Paidós, 1971. 181p.
- BOUCH, Jean Le. A Educação pelo movimento: a psicocinética na idade escolar. Porto Alegre. Artes Médicas, 1983. 275p.
- CENESP - Centro Nacional de Educação Especial. Atividades e recursos pedagógicos para deficientes da audição. Rio de Janeiro. FENAME, 1983. 239p.
- COMPAGNON, Germaine et alii. Educación del sentido rítmico. Buenos Aires. Kapelus, 1975. 127p.
- CRUICKSHANK, William M, et alii. Educação de excepcionais. Porto Alegre. Globo, 1982. 375p.
- ENCICLOPÉDIA LABOR. Tomo VII. La literatura, la música. Barcelona. Editorial Labor S.A. 1957. 1152p.
- ESCUDERO, Maria Pilar. Pedagogia musical. Madrid. Real Musical. 1977. 128p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977. 506p.
- FERREIRA, Idalina Ladeira et alii. Atividades na pré-escola. São Paulo. Saraiva. 1981. 385p.
- FLEMING, Juanita W. A criança excepcional. Rio de Janeiro. F.Aloes. 1978. 253p.
- FUX, Maria. Dança, experiência da vida. São Paulo. Summus. 1983. 124p.
- GONZÁLEZ, Maria Elena. Didáctica de la música. Buenos Aires, Kapelus. 1963. 149p.
- LEINIG, Clotilde Espinola. Tratado de musicoterapia. São Paulo. Sobral. 1977. 259p.
- MARSICO, Leda Osório. A criança e a música. Porto Alegre. Globo. 1982. 153p.

- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Proposta curricular para deficientes auditivos. 1981. 104p.
- MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO E CULTURA/CENTRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Reformulação de currículos para educação especial. Brasília. DF 1979. 204p.
- NORONHA, Maria Helena et alii. O deficiente da audição e a educação especial. Rio de Janeiro. J. Olympio. 1973. 118p.
- PEREIRA, Nayde J. de A. Sá. Bandinha rítmica. Rio de Janeiro. Eulenstein Música S.A. s.n.e. 91p.
- PEREIRA, Olivia et alii. Educação especial, atuais desafios. Rio de Janeiro, Interamericana. 1980. 189p.
- PAHLEN, Kurt. História Universal da música. São Paulo. Melhoramentos. 1965. 382p.
- PAHLEN; Kurt. Introdução à música. São Paulo. Melhoramentos. 1966. 306p.
- PALLARÉS, Zaida. Ginástica rítmica. Porto Alegre. Prodil. 1983. 206p.
- PALLARÉS, Zaida. Atividades rítmicas para o pré-escolar. Porto Alegre. Prodil. 1981. 166p.
- SHAKESPEARES, Rosemary. Psicologia do deficiente. Rio de Janeiro, Zahar. 1977. 165p.
- SMITH, Harlen S. Programa de desenvolvimento perceptivo. Porto Alegre. Tabatara. 1973. 93p.
- STOKES, Patricia. La expression corporal y el adolescente. Buenos Aires, Barry. 1974. 79p.
- STOKES, Patrícia. La expression corporal y si niño. Buenos Aires. Ricordi Americana. 1967. 108p.
- VIEIRA. Ivone Luzia et alii. Educação artística. Belo Horizonte. Lê Editora. 1977. 110p.
- WELLS, Renné. O corpo se expressa e dança. Rio de Janeiro. F. Aloes, 1977. 238p.